

## A AUTONOMIA DO TRABALHO DOCENTE EM EDUCAÇÃO FÍSICA, A PARTIR DA NARRATIVA DE UMA PROFESSORA EXPERIENTE.

Andressa Ceni Lopes<sup>1</sup>  
Camila da Rosa Medeiros<sup>2</sup>  
Jéssica Serafim Frasson<sup>3</sup>  
Vera Regina Oliveira Diehl<sup>4</sup>  
Elisandro S. Wittizorecki<sup>5</sup>

*PALAVRAS-CHAVE: autonomia; Educação Física; pesquisa narrativa*

### INTRODUÇÃO

O presente texto é parte de uma pesquisa que teve como objetivo compreender como a narrativa pode contribuir na construção de novos conhecimentos a respeito da autonomia e constituição do trabalho docente em Educação Física. Nesse mesmo sentido, Diehl e Scherer (2010) corroboram quando afirmam que é necessário “construir inovações, no sentido de encontrar alternativas metodológicas que possam dar conta da complexidade exigida pelos fenômenos educacionais e sociais que procuramos conhecer” (p. 12). Assim, nossa discussão aborda aspectos sobre autonomia docente na concepção de uma docente de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre/RS (RMEPOA).

Entendemos que a construção da autonomia do sujeito não se dá de maneira individual e solitária e sim por meio das relações estabelecidas ao longo do percurso do sujeito, na sua construção política que se tornam traços identitários e estão presentes na prática pedagógica. Assim, o objetivo desse estudo é compreender como uma professora de Educação Física experiente interpreta a autonomia docente em seu cotidiano na escola pública.

### METODOLOGIA

Utilizamos da pesquisa narrativa entendendo que ela “é uma forma de compreender a experiência”, que pode estar caminhar aliada ao processo de ressignificação do sujeito e de seus conceitos. Possibilita a “colaboração entre pesquisador e participantes”, a partir de “histórias vividas e contadas” dos participantes, e do aprendizado gerado em todos ao longo da narrativa (CLADININ e CONNELLY, 2011, p. 51). Baseando-se na reflexão dos autores sobre o conceito de experiência ressignificado por Dewey (2010), compreendemos que cada experiência é ponto de partida para as próximas experiências. Significando que podemos simplesmente permitir que cada experiência se some as passadas, não compreendendo a



amplitude de interferência na outra, ou podemos nos provocar momentos futuros de reflexão. Tal reflexão nos coloca num local simbólico de movimento, consciente, de caminhar no sentido de conhecermos a nós próprios.

A obtenção das informações se deu através da narrativa oral, gravada na escola no qual a professora trabalha, realizada dia 03.12.2014. Foi possível acompanhá-la ao longo do turno letivo, podendo conhecer um pouco mais do cotidiano escolar da professora. Importante ressaltar que seu nome foi substituído por um fictício para que se preserve a identidade da colaboradora, bem como os aspectos éticos e morais da pesquisa.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO

Segundo Tardif e Lessard (2005) os docentes se confrontam com dilemas, pressões e contradições do ambiente escolar: trabalho solitário ou trabalho coletivo, autonomia na classe ou controle na escola, tarefa prescrita ou tarefa real, currículo formal ou currículo real. Ao ser questionada sobre a autonomia dos professores de Educação Física, a professora narra que ela sofre influencia de fatores como o tempo de magistério e a aula não ser em ambiente fechado.

*“Na verdade eu não sei nem se se dá autonomia para alguém, ou tu conquista a autonomia. Porque tudo isso é meio relativo. Eu sempre tive autonomia, inclusive em dizer o que eu quero, principalmente agora que eu cheguei numa certa idade cronológica e de carreira no magistério. Independente se a direção dá ou não autonomia, o professor na aula de Educação Física, ele tem uma certa autonomia. Normalmente ela é feita aos olhos de todo mundo. Que também tem uma questão que pode tirar um pouco a autonomia, porque ele vai estar dando aula também para o público que tá passando ali, e não só para as crianças”. (professora Clara)*

Esses fenômenos, segundo a professora, podem conduzir o docente a uma perda da autonomia, pois para ela este fenômeno é visto como um processo de emancipação, um processo coletivo (através de relações), que visa à transformação das condições institucionais e sociais do ensino. Pois ao ser questionada sobre esta construção coletiva, a professora acredita que o trabalho docente nas escolas não tem se dado desta forma.

*“Eu acho que não só a direção, mas eu acho que o corpo de professores deveria definir o que o professor vai trabalhar em cada trimestre, cada ciclo, cada ano/ciclo. Isso deveria ser o que acontece, mas não é. Eu não sei dizer o porque isso acontece. Porque uma das propostas da rede é o trabalho coletivo. Mas esse trabalho coletivo raramente acontece nas escolas”. (professora Clara)*

Segundo Tardif e Lessard (2005) o modelo de organização escolar é burocrático, onde o trabalho se distancia das mãos dos professores, pois é estipulado por organizações que estão para além da escola, ou seja, a “autonomia” oferecida aos professores fica somente dentro da sua sala de aula, partindo dali, as decisões já não cabem mais a eles.

*“Então eu conquistei algumas coisas com muita briga, com muita luta, mas também acho que somos presos a um horário, somos presos aos dias letivos do ano, e isso aí a gente não tem autonomia. [...]. Eu posso ter a autonomia pra escolher o conteúdo que eu acho melhor. [...] Mas não tenho autonomia pra dizer que hoje tá muito quente e que os alunos vão aguentar só meia hora de aula, e depois de meia hora eu vou liberar eles e outro professor vai pega eles. [...]. Isso eu não tenho autonomia pra fazer. Eu vou ter que ficar até o fim da aula, mesmo eles não conseguindo mais render, por causa do calor, por que estão se sentindo mal [...]. Então isso não é autonomia”. (professora Clara).*

O exemplo da professora nos remete ao que Marcelo Garcia (2010) reflete sobre os conhecimentos que o professor precisa ter, que vai além do conhecimento do conteúdo, envolvendo o conhecimento do contexto, dos alunos e de si mesmo. Segundo Marcelo Garcia (2010) baseado em Dewey (1938), a experiência de ensinar dependerá da qualidade da experiência e na reflexão sobre suas atitudes, escolhas, enfim, seu trabalho.

## CONCLUSÃO

A postura consciente e crítica da professora frente ao próprio trabalho, no exercício da docência, pode possibilitar ao discente o exercício crítico e a vivência de processos que lhe permitam, também, a constituição da autonomia. Deste modo, percebemos que para ela a autonomia se constrói com o passar do tempo, ao longo do percurso docente, a medida que o docente se insere na cultura escolar e busca compreender e modificar suas condições de trabalho, interpretar as relações que são construídas naquele contexto cotidianamente.

## REFERÊNCIAS

- CLANDININ, D. Jean e CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa Narrativa**. Experiência e História em Pesquisa Qualitativa (2011).
- CONTRERAS, José. **A autonomia dos professores**. São Paulo: Cortez, 2012.
- DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Trad. Renata Gaspar. Petrópolis, RJ: Vozes. 2010.
- MARCELO GARCIA, Carlos. O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência. In: **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 02, n. 03, p. 11-49, ago/dez. 2010.
- TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

## FONTE DE FINANCIAMENTO

Não houve financiamento para a realização da pesquisa.

<sup>1</sup> Mestranda do PPG em Ciências do Movimento Humano, da UFRGS, andressa.ceni@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda do PPG em Ciências do Movimento Humano, da UFRGS, crm.efi@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda do PPG em Ciências do Movimento Humano, da UFRGS, jehfrasson@hotmail.com

<sup>4</sup> Doutoranda do PPG em Ciências do Movimento Humano, da UFRGS, veradiehl13@gmail.com

<sup>5</sup> Professor Doutor do PPG em Ciências do Movimento Humano, da UFRGS, elisandros@ufrgs.br